

Fernando Molica

Preso, Collor é que pagou o pato laqueado

A trajetória do agora detento Fernando Collor de Mello é um exemplo didático e irônico da política brasileira, que surpreende apenas pelo fato de o ex-presidente ter ido parar na cadeia.

O fato de ele ter sido condenado e preso por um escândalo ocorrido em governo petista reforça o lado cômico da história, da tragédia que, por aqui, já nasce como farsa. Ele só conseguiu embolsar os tais R\$ 20 milhões porque era senador — e seus votos no Congresso eram necessários para Lula e Dilma Rousseff, que trataram de garantir o direito de ele dar as cartas numa então subsidiária da Petrobras.

Collor chegou à Presidência embalado pela fama de Caçador de Marajás — ele usava o título dos príncipes feudais indianos para se referir a funcionários públicos que, acusava, dilapidavam as finanças de seu estado. Num país que voltava a tatear a democracia e onde muitos temiam a eleição de um candidato à esquerda, Collor surgiu como o iluminado, o Buda que livraria o Brasil da

corrupção e do comunismo.

Sua candidatura à Presidência nasceu de um negócio na China: um jantar em Pequim, em 1987, num restaurante chamado Pato Laqueado, ao lado dos então deputados Renan Calheiros e Cleto Falcão. Para surpresa de diplomatas chineses, Calheiros levantou um brinde àquele que, segundo ele, seria o futuro presidente do Brasil.

Collor foi o suposto salvador da pátria da vez. Como Jânio Quadros em 1960 — 29 anos antes — e Jair Bolsonaro em 2018 — 29 anos depois —, ele incorporou o papel de quem está contra tudo o que está aí, arrebanhou o apoio da elite econômica e da maior parte da imprensa.

No segundo turno, acusou Lula de ter procurado fazer a namorada abortar, disse que o petista sequestraria a poupança dos brasileiros e teve uma vitória simples no último debate transformada em goleada na versão que foi ao ar no Jornal Nacional. Numa antecipação do que ocorreria com Sérgio Moro e Bolsonaro, o

presidente do Tribunal Superior Eleitoral da época, Francisco Rezek virou ministro do governo recém-eleito. Presidente, Collor sequestrou a poupança.

Apesar de ser filho de um senador e de ter ligações e parcerias com usineiros, ele não é um representante puro-sangue da elite brasileira. Como Bolsonaro, era o candidato possível, o não tem tu, vai tu mesmo. Isso ficaria evidente em seu declínio, desgraça que começou quando a chamada República das Alagoas mostrou que seu apetite não tinha limites. Uma ambição que ameaçou poderes e favores legitimados havia muitas décadas — o Brasil detesta concorrência até na roubalheira.

Não que a trupe por ele liderada fosse inocente. Organizada pelo amigo Paulo César Farias, a quadrilha chegou animada, encheu os bolsos de maneira desastrada, procurou estender seus tentáculos para todos os lados. Deu no que deu. À sede de vingança da esquerda derrotada em 1989 juntou-se a fome nunca saciada dos

proprietários de capitânias hereditárias da política e dos negócios. Color ainda dar rasteira no irmão — até a bíblia mostra que isso não costuma dar certo.

A CPI montada no Congresso levou o governo Collor para a UTI, de nada adiantaram as sucessivas cirurgias de emergência para salvar seu mandato e ele foi defenestrado. Porém, uma denúncia cheia de falhas preparada pelo então procurador-geral da República, Aristides Junqueira, e um Supremo Tribunal Federal bem mais acomodado impediram que Collor condenado.

O ex-presidente conseguiu voltar para a política, virou senador, aproximou-se de governos que sempre estão de braços abertos para novos aliados. Mais uma vez, exagerou na dose, demonstrou não ter aprendido a lição do Fiat Elba (a compra do carro por meios heretodoxos foi a prova cabal dos desvios em seu governo). No Planalto, já acuado, costumava pedir para os brasileiros não o deixassem só — mais uma vez, não deu certo.

Francisco Soares Brandão*

O melhor é o Abel

Resta pouca areia na parte de cima da ampulheta do Brasil para a Copa do Mundo de 2026. As soluções tentadas até agora, com dois treinadores que na nomeação tinham grande apoio de opinião pública, não deram certo. A seleção vai se classificar, mas o desempenho nas eliminatórias não chega a animar.

Os supersticiosos dirão que isso não é problema, pois nas últimas duas vezes em que conquistou o título o Brasil vinha de eliminatórias medíocres. Os mais supersticiosos ainda lembrarão que o Brasil foi campeão em 1970 no México e em 1994 nos Estados Unidos. E a Copa de 2026 acontece nos Estados Unidos e no México, além do Canadá.

Mais coincidências. Quando o Brasil ganhou nos Estados Unidos em 1994 vinha de 24 anos de jejum. Como agora.

Se nunca é prudente subes-

timar a superstição, tampouco é inteligente depositar nela uma fé cega. Melhor é trabalhar para não depender tanto do imponderável. Nossa situação não é boa. Temos bons jogadores, mas na seleção não chegam perto do que desempenham em seus clubes.

E, pior, o mau desempenho recente do Brasil acelerou o afastamento entre time e torcida.

Infelizmente, a indiferença é o sentimento que parece prevalecer hoje em relação à antes querida e admirada seleção brasileira de futebol. Isso é inaceitável. É hora de interromper a descida ladeira abaixo.

Alguns argumentam que a razão dessa indiferença é a maioria esmagadora dos convocados jogarem no exterior. Se olharmos outros casos - o mais emblemático é a Argentina - veremos que é perfeitamente possível montar uma seleção com atletas que jogam fora de seu país e mesmo as-

sim haver uma conexão emocional forte entre jogadores e povo.

Talvez a raiz do problema esteja em desempenhos abaixo da crítica, ou das expectativas, há muito tempo. Depois da conquista de 2002, nas cinco copas seguintes, só em uma chegamos à semifinal, em casa em 2014. E não é preciso lembrar quão triste foi o desfecho. Nas outras quatro Copas desde o penta, paramos nas quartas.

E tem mais. Se não vencermos daqui a um ano, teremos acumulado seis torneios seguidos sem a taça, algo inédito desde que a Copa começou a ser disputada, em 1930.

Com pouca areia na parte de cima da ampulheta, a margem de erro se estreita dramaticamente. A escolha do próximo comandante precisa evitar o terreno da experimentação e do modismo. O novo técnico precisa conhecer o futebol brasileiro e os atletas que jogam no exterior. Precisa ter uma traje-

tória provada de conquistas com diferentes elencos. E precisa trazer com ele o respeito e a admiração de atletas e torcida.

Carlo Ancelotti, José Mourinho, Jorge Jesus e Abel Ferreira são os mais falados. Qualquer um deles traria a necessária luz de esperança neste momento. Eu penso que os dois últimos são os mais indicados, por terem atravessado com sucesso grandes desafios no futebol brasileiro. Entre os dois, minha preferência recai sobre o atual treinador do Palmeiras.

Um bom comandante se revela quando monta grandes times e ganha títulos com diferentes elencos em diferentes situações. Diz a sabedoria popular que mais difícil do que chegar ao cume é manter-se nele. Abel Ferreira tem conseguido isso. Merece a oportunidade de fazer o futebol brasileiro dar a volta por cima.

*Sócio fundador da FSB

EDITORIAL

E o Rio? Brilha novamente!

O feriado do Dia do Trabalhador, celebrado na quinta-feira, 1º de maio, ganha neste ano um ingrediente especial para a economia do Rio de Janeiro: o megashow gratuito de Lady Gaga na Praia de Copacabana, no sábado, dia 3 de maio. Com previsão de sol e tempo firme até o domingo, a cidade se prepara para dias de intenso movimento turístico e comercial, aquecendo a economia em diversos setores.

A hotelaria já registra altas taxas de ocupação, com turistas vindos de todas as partes do Brasil e do exterior, atraídos pela combinação irresistível de praia, música e cultura. Restaurantes, bares e mercados reforçam seus estoques e equipes para atender a demanda crescente, enquanto o comércio popular e os ambulantes comemoram a oportunidade de incremento nas vendas.

Com a expectativa de receber mais de 1,5 milhão de pessoas apenas para o show, o impacto econômico é significativo. Estima-se que o evento movimente cerca de R\$ 600 milhões, impulsionando a ge-

ração de empregos temporários e fortalecendo setores que vão da gastronomia à mobilidade urbana. As praias lotadas, os quiosques movimentados e o turismo aquecido reforçam a vocação natural do Rio de Janeiro como capital da alegria e da hospitalidade.

O feriado prolongado prova, mais uma vez, que lazer e economia podem caminhar juntos. A valorização dos grandes eventos, em especial aqueles de acesso gratuito, democratiza a cultura, promove inclusão e gera desenvolvimento. Para muitos trabalhadores, esses dias representam não apenas uma pausa para o descanso merecido, mas também uma oportunidade de renda extra e crescimento.

Enquanto celebramos o Dia do Trabalhador, celebremos também a força de uma cidade que transforma cada oportunidade em festa e em progresso. O Rio de Janeiro brilha novamente, mostrando ao mundo sua capacidade de encantar, acolher e impulsionar sua própria economia com o melhor que sabe oferecer: seu povo, suas belezas e sua energia contagiante.

DF e Brasília são a mesma coisa?

Brasília é a capital do Brasil, mas não é sinônimo de Distrito Federal. Essa confusão é comum, até entre os moradores do quadradinho. Na prática e na lei, uma coisa é uma coisa, outra coisa é outra. Brasília é a sede do governo federal, onde ficam o Congresso, o Palácio do Planalto, o Supremo e todos os ministérios. Já o Distrito Federal é a unidade da Federação onde Brasília está localizada, com 35 regiões administrativas e mais de 3 milhões de habitantes.

Na Constituição, o artigo 32 diz que o DF não pode ser dividido em municípios. É o único lugar do país com essa regra. Isso quer dizer que não tem prefeitos nem câmaras de vereadores. Ou seja, aqui, as eleições acontecem somente a cada quatro anos, durante as Nacionais, quando se elege uma Câmara Legislativa, com deputados distritais. Ao redor da capital, estão as regiões administrativas, que, antigamente, eram chama-

das de “cidades satélite”.

Tudo é comandado por um governador e por administrações regionais, que são indicadas - e não eleitas. E Brasília, como capital, é só uma parte do DF — mais precisamente, o Plano Piloto. É como se fosse o “centro” da cidade, mas não é a cidade inteira. Aliás, ninguém que nasceu no DF chama Brasília de Brasília. Aqui, é apenas “Plano Piloto” ou só “Plano”.

A Lei nº 3.751, de 2006, define os limites da Região Administrativa do Plano Piloto. Ela abrange o Eixo Monumental, as superquadras, a Esplanada e a área tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). Mas, fora desse limite, há dezenas de cidades que formam o DF: Ceilândia, Taguatinga, Samambaia, Gama, Planaltina, Sobradinho, Recanto das Emas, e por aí vai.

O tema pode ser confuso até para os brasilienses, mas a explicação é simples: Brasília é a capital. O DF é bem mais.

OUTRAS PÁGINAS NO BRASIL E NO MUNDO

José Aparecido Miguel (*)

Qual patógeno (organismo, agente ou substância que pode causar doença ou infecção) desafia a Humanidade?

1-O PATÓGENO QUE DESAFIA A HUMANIDADE. Fungos, vírus ou bactérias? Qual patógeno desafia a Humanidade? (Um patógeno é um organismo, agente ou substância que pode causar doença ou infecção em um hospedeiro) Não há indicativos de que a sociedade esteja prestes a viver um apocalipse zumbi, mas há uma série de pequenos inimigos que são acompanhados com atenção, dizem espe-

cialistas. Por Mariana Rosário. Exemplo: o sarampo é um vírus com alto potencial transmissivo — e precisa somente de um espaço onde a cobertura vacinal esteja abaixo do dos indicados 95% para se espalhar. A Candida auris é um tipo de fungo que tem se notabilizado por gerar surtos com taxa de até 90% e por figurar como uma ameaça à saúde pública. Ana Olívia de Souza, pesquisadora científica do laboratório de de-

seenvolvimento e Inovação do Butantan afirma que “embora algumas espécies de fungos sejam patogênicas para humanos, a probabilidade de ocorrer uma epidemia ou pandemia causada por fungos é muito baixa. Essa baixa probabilidade se deve ao fato do ser humano ter um sistema imune de defesa eficiente e à existência de tratamentos efetivos para a maioria das infecções fúngicas”. “A melhor maneira de se proteger de

agentes conhecidos é mesmo a vacinação”, indica o Filipe Piastrelli coordenador do serviço de controle de infecção hospitalar do Hospital Oswaldo Cruz. (O Globo)

(*) José Aparecido Miguel, jornalista, diretor da Mais Comunicação-SP, trabalhou em todos os grandes jornais brasileiro - e em todas as mídias. E-mail: jmigueljb@gmail.com

Opinião do leitor

Brasília amorosa

Transformo em anjos os regaços dos eixos. Em pétalas de esperanças o ferro e o cimento das construções. O verde acolhe o escurecer dos viadutos. Concretos brincam com a brisa. São parceiros do por-do-sol. Moldando, pintando e eternizando Brasília. Para os Deuses do amor. Brasília inventou o encanto.

Vicente Limongi Netto
Brasília - Distrito Federal

O CORREIO DA MANHÃ NA HISTÓRIA * POR BARROS MIRANDA

HÁ 95 ANOS: PORTUGAL PEDE QUE POPULAÇÃO NÃO VENHA AO BRASIL

As principais notícias do Correio da Manhã em 29 de abril de 1930 foram: acontecimentos na Índia podem levar o país para uma

revolução civil. Cresce o banditismo na China. Portugal recomenda restrições para visitas de lusitanos ao Brasil. São Paulo pede empréstimos

em bancos dos EUA e da Inglaterra de US\$ 35 milhões. Jornais da Califórnia fazem elogios a rotogravura e as cores do Correio da Manhã.

HÁ 75 ANOS: CHURCHILL QUER NOVAS ELEIÇÕES NA GRÃ-BRETANHA

As principais notícias do Correio da Manhã em 29 de abril de 1950 foram: Estudantes da Universidade Católica afirmam que o

nome de Eduardo Gomes não está para barganha política. Churchill exige novas eleições gerais na Grã-Bretanha. Almirante Otávio de

Medeiros toma posse no Superior Tribunal Militar. Iugoslávia negocia tratados comerciais com a Itália e com a Grécia.



Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929)
Paulo Bittencourt (1929-1963)
Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Patrick Bertholdo (Diretor Geral)
patrickbertholdo@correiodamanha.net.br

Claúdio Magnavita (Diretor de Redação)
redacao@jornalcorreiodamanha.com.br
Redação: Gabriela Gallo, Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima
Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil
Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação) e Thiago Ladeira
Telefones (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872
Whatsapp: (21) 97948-0452
Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Mello Neto 850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057
Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt.10 - Nucleo Bandeirantes
Brasília - DF CEP 71736-20
www.correiodamanha.com.br
Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.